

# A presença da portuguesa Guiomar Torresão em *A Mensageira*, revista literária dedicada à mulher brasileira: laços luso-brasileiros<sup>1</sup>

Guilherme Barp  
Cecil Jeanine Albert Zinani  
Universidade de Caxias do Sul

## Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a presença de Guiomar Torresão em *A Mensageira*, a fim de contribuir para a reinserção da escritora na história da literatura e para um estudo das relações luso-brasileiras da segunda metade do século XIX. Para tanto, recorreu-se a aportes teóricos das teorias feministas (ginocrítica) e da história da imprensa. Evidenciou-se que Torresão, apesar de não ter sido uma colaboradora fixa, teve extensa participação na revista, sendo mencionada em artigos críticos e outros textos, além de ter tido um papel relevante na cultura luso-brasileira, sempre levando em conta a literatura desses dois países.

**Palavras-chave:** Guiomar Torresão; *A Mensageira*; cultura luso-brasileira.

## Abstract

The aim of this paper is to investigate the presence of Guiomar Torresão in *A Mensageira* magazine in order to contribute to the insertion of the author in the history of literature and to contribute to a study of the relations between Portugal and Brazil in the second half of the nineteenth century. Gynocritics and press history theoretical approaches were consulted for reaching this goal. It was evidenced that, even though Torresão was not a frequent collaborator, she had a considerable participation in the magazine, being mentioned in critical articles and other texts. Furthermore, she played an important role in the Luso-Brazilian culture, always caring about the literature produced in these two countries.

**Keywords:** Guiomar Torresão; *A Mensageira*; Luso-Brazilian culture.

Recebido em: 11/07/19  
Aprovado em: 04/08/19

---

<sup>1</sup> Para realizar este estudo, recorreu-se à versão fac-similar da revista, publicada, em dois volumes, pela Imprensa Oficial do Estado e a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, no fim do século XX. Dessa forma, nas citações retiradas desse periódico, consta o ano de 1987.

Elaine Showalter, em “A crítica feminista no território selvagem”, cita duas tendências da teoria crítica feminista: a primeira, intitulada crítica feminista, refere-se à análise da representação feminina em obras de autoria masculina, que “[...] oferece leituras feministas de textos que levam em consideração imagens e estereótipos das mulheres na literatura, as omissões e falsos juízos sobre as mulheres na crítica, e mulher-signo nos sistemas semióticos” (SHOWALTER, 1994, p. 26); e a segunda, ginocrítica, base teórica utilizada neste artigo, que alterou o foco

[...] das leituras revisionistas para uma investigação consistente da literatura feita por mulheres. A segunda forma da crítica feminista produzida por este processo é o estudo da mulher como escritora, e seus tópicos são a história, os estilos, os temas, os gêneros e as estruturas dos escritos de mulheres. (SHOWALTER, 1994, p. 29)

Nesse último modo de estudo se encontra o resgate de escritoras. Mas, afinal, por que resgatá-las? Porque, no cânone — conjunto de obras e autores consagrados na história literária — do século XIX a mulher e seus escritos não tiveram lugar. Isso se observa em várias histórias da literatura desse período, independentemente do país, seja europeu seja americano. Dessa maneira, as teorias feministas, na literatura, têm

[...] a intenção de promover o resgate da história das mulheres, de recuperar obras, divulgar escritoras, rever, criticamente, o que havia sido escrito sobre elas, e, ainda, reavaliar conceitos estéticos e questionar os critérios da crítica instituída, responsáveis pela chamada “boa literatura”. (DUARTE, 2013, p. 64)

A omissão no cânone não se restringe a gênero. As diversas histórias literárias sempre irão valorizar determinados aspectos imperantes num momento, como ideologias, estilos de época, lugar, raça, classe social, por exemplo (MUZART, 1997). E é por isso que esse espaço permite modificações e alargamentos. Qorpo Santo, com seu estilo e temas, definitivamente, *avant garde*, outrora ridicularizado, e, por muito tempo, esquecido, é considerado, por Cesar (1976), um dos maiores dramaturgos da língua portuguesa.

Às vezes, certa época simplesmente não está pronta para receber determinadas criações e seus criadores. Isso ocorreu no século XIX, quando as mulheres ocupavam um lugar subalterno na sociedade. Como seriam respeitadas enquanto escritoras, num círculo que lhes compelia a determinadas funções sociais, como de mães e de esposas? Até mesmo as que não ocupavam esses papéis sofriam com essa realidade, pois eram enquadradas em estereótipos que ditavam que a escrita feminina era de baixa qualidade, com temas domésticos e pueris e estilos simples, visto que a mulher — ao contrário do homem — não desbravava o mundo, e, portanto, não teria nada relevante a dizer. Consequentemente, era e teria que ser o anjo do lar. E por que os escritos que continham esses temas e eram elaborados com esses estilos,

considerados de menor qualidade perante a crítica, não mereciam lugar na literatura? Não poderiam ser reconhecidos tanto quanto os outros? São questões que o resgate irá responder, valorizando o que foi desconsiderado e olvidado em outras épocas.

Nesse sentido, os periódicos revelam-se como um *corpus* de estudo de grande utilidade. À maioria das mulheres oitocentistas, para quem a publicação de livros era algo quase inalcançável — poucas conseguiam ter suas obras lançadas por certas tipografias e, ainda, o formato impresso não era garantia de reconhecimento —, a imprensa era um terreno profícuo e mais acessível, como assinala Duarte (2017, p. 14), que “mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência”. É no século XIX que essa modalidade de comunicação se torna acessível a uma parcela maior da população do Ocidente, no que diz respeito à classe social. Consequentemente, às contribuições de escritoras, até então marginalizadas, algumas publicações abrem espaço, como o *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932), que, além de contar com conteúdos tradicionais de almanaques, apresentava literatura, e incluía também a produzida por mulheres, contando com as vozes de mais de mil e duzentas escritoras de diversos países (CHAVES; LOUSADA; ABREU, 2014).

Além disso, é nos oitocentos que surgem as imprensas feminista e feminina. Buitoni (1986, p. 16) reitera que “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres. A feminista, embora se dirija ao mesmo público, se distingue pelo fato de defender causas”. Nelas situam-se os periódicos de mulheres, que, no Brasil e em Portugal, surgem juntamente nesse período, conforme atesta Duarte (2014, p. 33), ao ressaltar que “a constatação de que a literatura de autoria feminina, a consciência feminista e a imprensa das mulheres surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, ainda no século XIX, [...] e em Portugal.” Esses dois países, apesar da independência da colônia, em 1822, continuavam muito ligados, principalmente no que diz respeito à cultura, aspecto reiterado por Rodrigues (2014, p. 7), que pondera que “o mais significativo intercâmbio cultural Portugal-Brasil, em oitocentos, é jornalístico e de almanaque.” Em Portugal, um dos primeiros periódicos voltados às mulheres será *O Toucador*, em 1822, enquanto, no Brasil, *O Espelho Diamantino* virá em 1827 (DUARTE, 2014). No que diz respeito à sua direção em publicações, isso acontecerá, em terras tupiniquins, em 1833, com a *Belona Irada contra os Sectários de Momo*, de Maria Josefa Barreto Pereira Pinto; já no país luso, será em 1849, com *A Assembleia Literária*, de Antónia Gertrudes Pusich (DUARTE, 2014). Os escritos de/sobre mulheres, esquecidos nas páginas desses diversos periódicos (que eram aliados do feminino ou mantidos por elas), podem ser resgatados, contribuindo para a inserção de suas criadoras, outrora ignoradas, nos estudos literários.

As conexões luso-brasileiras entre mulher, oitocentismo, literatura e imprensa, neste artigo, encontram espaço na ligação entre Guiomar Torresão, portuguesa, e *A Mensageira*, revista literária dedicada à mulher brasileira. Ao estudar a presença da lisboeta na folha, é

possível estender a sua fortuna crítica e biográfica, contribuindo para a consideração da escritora na história da literatura, trazendo informações pouco divulgadas a seu respeito e de sua arte.

Guiomar Delfina de Noronha Torresão<sup>2,3</sup> (1844-1898) foi importante para a disseminação das ideias feministas, no país luso, durante o século XIX. A respeito disso, Capelo-Pereira (2014) considera:

[...] Eu diria que a voz de Guiomar Torrezão é uma voz feminina insubmissa que, na segunda metade do século XIX, deixou uma marca indelével e deu uma forte contribuição para a afirmação de uma independência intelectual e, assim, uma alteração do estatuto da mulher na escrita e na sociedade portuguesa de oitocentos. (p. 124)

Sendo uma das poucas escritoras que conseguiram, nesse período, “viver das Letras”, foi cognominada, de acordo com Luca (1999), “a George Sand de Portugal”. É descrita, por Flores, Duarte e Moreira (2009, p. 117), como “ficcionista, poetisa, dramaturga e ensaísta”, porém, Luca (1999) estende essa lista de ofícios, considerando-a, também, tradutora e crítica de arte (teatral e literária).

Luca (1999) ainda revela que Torresão era filha de um funcionário de alfândega, tendo vivido em Cabo Verde; contudo, com o falecimento de seu pai, em 1853, acompanhada da mãe, voltou para a sua cidade natal, Lisboa. Romariz (2011) ressalta que ela vinha de uma família burguesa, tendo que trabalhar desde cedo com a instrução primária e o francês, logo se iniciando na escrita, na qual seu talento prontamente se manifesta. Capelo-Pereira (2014, p. 125), ao considerar sua voz insubmissa, ressalta o porquê de atribuir-lhe tal característica, enfatizando que essa “[...] insubmissão reside no próprio facto do exercício da sua escrita, quantiosa, diversificada, persistente, no quadro mental e social da sua época, contra todas as vozes que procuraram apagá-la ou apoucá-la”. Sobre o aspecto da quantidade, aliás, é necessário mencionar a extensa produção de Torresão, conforme levantada por Flores, Duarte e Moreira (2009):

*O século XVIII e o século XIX* (peça teatral, 1867); *Uma alma de mulher* (romance, 1869); *Na Madeira* (1870); *Rosas pálidas* (1873); *A família Albergaria* (1874); *Dois garotos* (drama em 5 actos, 1879); *Um cão de pastor no gelo* (contos, 1880); *A crisálida* (1883); *Idílio à inglesa* (contos modernos, 1886); *Meteoros* (1874); *O fraco da baronesa* (comédia em 1 acto, 1878); *No teatro e na sala* (1881); *A comédia do amor* (1882); *Educação moderna* (comédia em 3 actos, 1884); *Contos modernos* (1886); *Paris* (1888); *A avó* (1889); *Henriqueta* (romance, 1890); *Severina* (1890); *Diário de uma complicada* (1894); *A estação de Paris: Flávia* (contos, 1896); *A comédia do amor* (1897); *Batalhas da vida* (1898); *Naufração do brique Colombo* (drama, 1898). (p. 117)

<sup>2</sup> Há uma incerteza quanto à grafia de seu nome, pois, em determinados textos, aparece como Guiomar Delphina de Noronha Torrezão.

<sup>3</sup> Luca (1999) apud Magalhães (1987) apresenta que, além de publicar com o seu nome, ela também utilizou os pseudônimos Delfim de Noronha, Rosenball, Scentelha, Sith, Tom Pouce.

Não há dúvidas de que Torresão foi privilegiada na questão de acesso à publicação de livros impressos. Além disso, a autora tinha contato com diversos escritores, até mesmo renomados na época, como Camilo Castelo Branco,<sup>4</sup> que escreveu a introdução de uma de suas obras. Em “Carta-prefácio”, presente em *No teatro e na sala*, Castelo Branco enaltece a escrita de determinadas autoras portuguesas, que comporiam, talvez melhor que os homens, motivo que os deixaria contra elas:

[...] O geito e o gosto de escrever com acêrto é extraordinario em damas portuguezas; e, pelo tanto, não é de esperar que o melhor d’ellas se emancipasse da minha devota genuflexão, nem eu me entraria do pavor de as ver todas conjuradas como amazonas para espancarem os poetas e como as damas da Tracia que espotejaram Orpheu. Parece, todavia, que elles, os letrados, se temem d’isso, a julgar pela malquerença com que os vejo contender com poetizas e romancistas! Publica-se tanta parvoçada do meu sexo licenciada e gabada pela critica! (BRANCO, 1881, p. 6).

Além disso, Torresão escreveu uma crítica, inserida na obra que resenhou,<sup>5</sup> *Ramo de flores* (1869), do português João de Deus Nogueira Ramos (1830-1896). Nela, a escritora, ao gosto romântico da época, tece os seguintes comentários:

É indispensavel crêr na poesia como se crê no Evangelho, como se acredita em Deus. [...] Surgiu a poesia para que nas trevas de um mundo que ri de tudo como Democrito, que tudo amesquinha, brilhasse uma luz que só de vê-la a alma se purificasse e o espirito adejasse para o ideal. Estudem os seculos; contemplem as nações e digam se a poesia teve ou não extraordinaria influencia nos grandes acontecimentos sociaes. [...] Não foram os versos de Shakespeare, de Milton, de Pope, que poderosamente concorreram a immortalisar a Inglaterra? Portugal não deve a fama da sua gloria aos *Lusiadas* de Camões? [...] Tem isso a originalidade, que é o distinctivo d'este poeta. Costumamos dizer com referencia a qualquer notavel escriptor nosso: aquelle talento tem a suavidade de Lamartine, o sentimento de A. de Musset, o mysticismo de Chateaubriand, a ironia de Byron, a energia apaixonada de Victor Hugo. [...] Apartamos do livro com extrema saudade, recommendando á leitora, que por acaso ainda o não possui, a prompta acquisição d'elle para collocar-o ao lado das rosas, jasmims e violetas com que, durante a formosa estação que se avisinha, ha de perfumar o seu *boudoir*. (TORREZÃO, 1869, p. 106-112)

A partir dos recortes dessas duas considerações, é possível verificar o apreço que havia pelos escritos de Torresão, por parte de alguns colegas de profissão, assim como sua habilidade em fazer crítica literária com eficiência, apresentando, até mesmo, conhecimento da literatura

---

<sup>4</sup> Em *No teatro e na sala*, a grafia dos nomes de Guiomar Torresão e Camilo Castelo Branco aparecem como Guiomar Torrezão e Camillo Castello Branco, respectivamente.

<sup>5</sup> Como no fim desse texto aparece “*Voz Feminina* (1869) n.º 60”, assume-se que a crítica havia sido publicada, anteriormente, nesse veículo.

de variados períodos, como a quinhentista, de Camões, a seiscentista, de Shakespeare e Milton, e a setecentista, de Pope, e dos autores mais famosos do Romantismo, como Lamartine, Musset, Chateaubriand, Byron e Victor Hugo, mostrando-se, acima de tudo, uma ávida leitora.

Torresão esteve na direção de alguns periódicos: Luca (1999) menciona *A Crônica*, revista de frequência trimestral; Póvoas e Silveira (2012) citam *O Mundo Elegante* (1887), na qual era responsável pela redação literária; além desses, comandava *A Estação de Paris* (1895) e redigia *Ribaltas e Gambiarras* (1881), sob o pseudônimo de Delfim de Noronha. Contudo, não se pode deixar de citar o *Almanach das Senhoras*, talvez o principal fator que conectava a lisboeta ao Brasil. Duarte (2017) menciona a longevidade de 56 anos, tendo circulado de 1871 a 1927, sendo editado em Portugal e também na ex-colônia, dirigido por Torresão — de 1871 a 1898, ano de sua morte — e sua irmã, Felismina — de 1898 a 1927. Duarte (2017) ainda revela alguns nomes que estampavam as páginas desse periódico: Júlia Lopes de Almeida, Inês Sabino,<sup>6</sup> Narcisca Amália, Alexandre Herculano, Eça de Queiroz e Machado de Assis. Luca (1999) menciona que o *Almanach* era um dos principais veículos de divulgação da produção literária feminina no território lusitano, não fazendo distinção quanto à experiência de suas colaboradoras, aceitando textos de veteranas, como Sabino, ou iniciantes, como Edwiges de Sá Pereira e Amélia Beviláqua.

Torresão também teve seus textos publicados em diversos periódicos: *O País*, do Rio de Janeiro; *Diário Popular*, de São Paulo; *A Ilustração Portuguesa*, de Lisboa, e outros; porém, o foco deste estudo está na sua participação em *A Mensageira*, de São Paulo. Essa revista, dirigida por Presciliana Duarte de Almeida,<sup>7</sup> possuía caráter literário, começando a circular a partir de 1897 e terminando em 1900, chegando a 36 números. Inicialmente, contava com frequência quinzenal; entretanto, a partir de 1899, passou a ser mensal, testemunhando uma interrupção de outubro de 1898 a janeiro de 1899, devido ao falecimento do filho da editora. Tinha também representação no Rio de Janeiro e em Paris, chegando a circular, até mesmo, no Chile. De cunho feminista, procurava levar a informação e a arte às mulheres, conforme o editorial “Duas palavras”, de autoria de Presciliana,<sup>8</sup> atesta que o objetivo era “estabelecer entre as brasileiras uma sympathia espiritual, pela comunhão das mesmas ideias, levando-lhes de quinze em quinze dias, ao remansoso lar, algum pensamento novo — sonho de poeta ou fructo de observação acurada [...]” (ALMEIDA, 1987b, p. 1). Grande parte desses “sonhos de poetas” são, na verdade, de poetisas! Luca (1999) revela que, apesar do levantamento feito — em que se consideram

<sup>6</sup> Seu nome pode aparecer, em determinados escritos, como Ignez Sabino.

<sup>7</sup> Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944), escritora mineira, nasceu em Pouso Alegre, mas logo se mudou para São Paulo. Em 1890, lançou, juntamente à prima Maria Clara da Cunha Santos, uma obra que contém os escritos das duas, *Pyrilampos e Rumorejos*, sendo *Pyrilampos* de sua parente e *Rumorejos* de sua autoria. Ainda, de acordo com Vasconcellos (2004), publicou *Sombras* (1906), *Páginas infantis* (1908), *Livro das aves* (1914) e *Vetiver* (1939). Foi membro da Academia Paulista de Letras.

<sup>8</sup> Optou-se por utilizar o seu primeiro nome neste artigo, a fim de evitar possíveis confusões com outros colaboradores que compartilham esse sobrenome.

ao todo 74 colaboradores, sendo 41 homens e 33 mulheres, apresentando, assim, um número superior de homens —, a maior parte dos textos publicados são de autoria feminina. O “fruto de observação acurada” também será feito por penas femininas, como a tradicional “Carta do Rio”, coluna fixa, de Maria Clara da Cunha Santos, que estampa quase todos os números do periódico.

A participação de Torresão em *A Mensageira* é diversa. Apesar de Luca (1999) não a considerar uma colaboradora permanente, a revista conta com várias criações da lisboeta. A primeira aparição ocorre no número 3, de 15 de novembro de 1897, em “Carta”, de Ibrantina Cardona, em que enaltece as escritoras brasileiras. Para tanto, recorre a uma homenagem que Torresão tinha feito, recentemente, num jornal português, a Revocata Heloísa de Melo, diretora do mais longevo periódico feminino do Rio Grande do Sul, *Corimbo*<sup>9</sup> (1884-1944):

E’ uma distincta senhora que muito tem trabalhado para a elevação do nivel intellectual de mulher, no Brasil. [...] Redige, há quatorze annos, *O Corymbo*, interessante revista em cujas columnas conseguiu illustrar o seu nome. Tem collaborado em muitos jornaes brasileiros, assim como n’*A Patria Illustrada*, que outr’ora sahiu a lume em Buenos Ayres, e, de collaboração com sua intelligente irmã, D. Julieta de Mello Monteiro escreveu o *Coração de mãe*, drama em dois actos, além d’outro, intitulado *Mario*. (TORREZÃO apud CARDONA, 1987, p. 39).

É interessante ressaltar, aqui, o contato entre as escritoras portuguesas e brasileiras, fortalecendo ainda mais a conexão entre esses dois países, de modo que Torresão estava, até mesmo, biografando Melo em periódicos da sua terra.

Posteriormente, é lembrada no número 6, de 30 de dezembro de 1897, numa crítica ao romance *A viúva Simões*, de Júlia Lopes de Almeida, feita por L. F., revelado ser Leopoldo de Freitas, por Luca (1999). Nela, buscam-se novamente as considerações da lisboeta para complementar as ideias dispostas:

A nova producção é d’aquellas que se póde dar ao auctor as satisfações do orgulho que a profissão das letras, às vezes, proporciona. Já mereceu o applauso dos intellectuaes e nesse número inclue-se o da abalizada escriptora d. Guiomar Torrezão, que em vibrantissimo artigo analysou o romance observado e creado pela prosadora brasileira. [...] Criticando este romance diz que recordou-se do *Page d’Amour*, onde E. Zola descreve magnificamente o arcabouço de Paris. E’ muito feliz esta reminiscencia da illustre escriptora portuguesa, a cerca do livro *Viuva Simões*, onde ha bellas e fieis descripções dos horizontes do Rio de Janeiro. (F., 1987, p. 85-86)

É pertinente o fato de um escritor recorrer à crítica literária de uma mulher — aliás, tida, por ele, como intelectual — para fundamentar o seu artigo, numa época em que esse ofício não era muito comum a elas e, como foi visto anteriormente, nas considerações de Castelo

---

<sup>9</sup> Em determinados textos, está grafado como *Corymbo* ou *O Corymbo*.

Branco, tinham sua escrita depreciada por eles. Além disso, nessa coluna, é possível observar, novamente, a ligação Brasil-Portugal, expressa pela busca do gaúcho das considerações da lisboeta sobre o romance de uma fluminense.

Em “Educação literária”, publicada no número 12, de 31 de março de 1898, transcreve-se parte de um discurso proferido, no Instituto Literário Olindense, por Olímpio Galvão, em dezembro do ano anterior. Nele, o autor discorre acerca da necessidade da educação feminina e, para isso, menciona Torresão, aclamando-a: “Quem não conhece as escriptoras de Portugal, á frente das quaes, como estrella de primeira grandeza, fulge Guiomar Torrezão?” (GALVÃO, 1987, p. 181). Nessa mesma edição, no seu final, na coluna “Notas pequenas”, encontra-se o artigo “Guiomar Torrezão”, que atesta a interlocução entre *A Mensageira* e a autora, a partir de uma carta enviada por ela ao periódico, em 11 de fevereiro de 1898. Nessa epístola, a escritora parabeniza Presciliana Duarte de Almeida pelo periódico, considerando o veículo muito benéfico para o movimento feminista no Brasil, e afirma lê-lo com muito interesse. Ainda, avisa que enviará “algumas palavras”, para serem publicadas na revista, e pede que Presciliana envie seu retrato, a fim de ser estampado numa edição do *Almanack*<sup>10</sup> *das Senhoras*, que deverá trazer efigies de escritoras de diversas nacionalidades (NOTAS..., 1987a).

No número 20, de 31 de julho de 1898, Maria Emília,<sup>11</sup> em “Com ares de crônica”, volta-se aos escritos críticos de Torresão novamente, publicados em Lisboa, pois, para finalizar a sua coluna, seleciona “Porque sou triste?”, de Sílvio de Almeida, e recorre a algumas considerações da autora portuguesa sobre esse poema. Assim, nas palavras da lisboeta, trata-se de “uma suave elegia, penetrada da incoercível sensibilidade tão pessoal e subjetiva como só a póde experimentar e reduzir á forma gráfica o poeta, o eleito da inspiração, o verdadeiro artista namorado do ideal que a seduz.” (TORREZÃO apud EMÍLIA, 1987, p. 309).

Em 15 de fevereiro de 1899, é lançado o número 25 da revista, em que se observa o poema “Beatriz”, escrito com hábil técnica, de autoria de Torresão:

Visão que surges n'estas horas mágicas  
como eu te imploro a suspirar por ti!  
como eu te vejo esvoaçar no espaço...  
como aos teus olhos meu olhar prendi!

Ai! se lograsse de minh'alma as trevas  
nos raios teus illuminar, estrella!...  
Passae, ó nuvens que toldaes o astro,  
deixae-me, nuvens, adoral-a e vel-a!

<sup>10</sup> Na carta, Torresão prioriza essa grafia para a palavra almanaque.

<sup>11</sup> Na revista, seu nome está disposto dessa maneira. Contudo, segundo Luca (1999), o completo seria Maria Emília Lemos.



Oh! Quem podéra esta existência dar-lhe  
primícias pobres de opulento amor,  
e no meu extasis estreital-a ao peito,  
trocando em jubilo esta immensa dor!

Ao longe, embora, tu sorris altiva!...  
E eu vivo e fico a suspirar em vão!  
Estrella esplende no teu céu sereno,  
Mas dá-me um raio d'esse teu clarão! (TORREZÃO, 1987b, p. 13).

Em quatro quadras, o eu lírico afirma observar o céu, contemplando um astro, insistindo em vê-lo e, ao mesmo tempo, lamentando que sua existência pertença ao espaço sideral, querendo tê-lo para si. Por fim, verifica que essa estrela, distantemente, resplandece. Enquanto isso, ele sofre, implorando que ela lhe ofereça um fulgor. No poema, há rimas ricas, como “em vão” e “clarão”, na última estrofe, e preciosas: na primeira estrofe, “estrela” e “vê-la”. Constatase, então, rigor formal, aspecto de cunho parnasiano, mesmo que não apresente a configuração de soneto clássico; entretanto, a temática, que associa o sofrimento à natureza, é de tendência romântica. Assim, percebe-se influência dos dois movimentos artísticos. Não é possível saber se esse poema concretiza a promessa anterior de Torreção — de enviar algum escrito para *A Mensageira* — ou se é uma homenagem à portuguesa, visto que, no fim desse mesmo número, é revelado o falecimento da ilustre lisboeta, a partir da seção “Guiomar Torreção”, na coluna “Notas pequenas”, em que se lamenta o ocorrido de 22 de outubro de 1898, pois

foi nesse dia que desapareceu da arena dos combatentes do pensamento a figura eminente e sympathica de Guiomar Torreção, vigorosa escriptora que durante mais de um quarto de seculo, talvez, iluminou com a luz de seu talento privilegiado a imprensa do velho e legendario Portugal. (NOTAS..., 1987b, p. 21).

É interessante reiterar a maneira como está relacionada a autora à imprensa: Torreção teria iluminado o meio jornalístico com a luz do seu talento. Essas são considerações que, no século XIX, poucas mulheres, nos discursos acerca do seu falecimento, teriam a oportunidade de conseguir. Posteriormente, mencionam seus feitos no que diz respeito à cultura luso-brasileira: “[...] Consagrou-se às letras desde os albores de sua mocidade com rara perseverança e actividade, e o seu nome atirado aos quatro ventos da publicidade tornou-se verdadeiramente querido e reputado nas rodas literarias de Portugal e do Brazil” (NOTAS..., 1987b, p. 21). Por fim, após discorrerem sobre a sua colaboração em periódicos e obras publicadas de sua autoria, concluem que “a sua perda deixou um grande claro na literatura luso-brasileira! foi um astro de primeira grandeza que desapareceu, deixando uma orbita de luz nas letras femininas!” (NOTAS..., 1987b, p. 22). Cabe reiterar, novamente, a importância de Torreção para as artes luso-brasileiras, ressaltadas do começo ao fim dessa passagem, além de sua relevância na literatura

de autoria feminina, que fazia falta, conforme “Notas pequenas”. Por fim, é significativo o fato de Torresão dividir esse espaço com outro escritor, que havia falecido recentemente, Visconde de Taunay, compartilhando o espaço na coluna com igual relevância.

Mesmo após sua morte, a portuguesa continuou a aparecer nas páginas de *A Mensageira*. Já no número seguinte, de 15 de março de 1899, há um artigo de sua autoria, “Anna Hierta Retzius”, em que homenageia a ativista e filantropa sueca, mencionando alguns de seus feitos: criação da Escola Gratuita Noturna para o Sexo Feminino, da Escola de Aprendizagem para as Crianças Pobres, de uma agência voltada à venda de obras de artistas mulheres, da primeira Escola Mista Comum aos Dois Sexos, da primeira Escola Culinária, do primeiro Refúgio para as Crianças Pobres e Moralmente Abandonadas; e a implementação da Sociedade dos Direitos da Mulher (TORREZÃO, 1987a).

No número seguinte, lançado em 15 de abril de 1899, há uma breve menção à portuguesa, na coluna “A Mensageira”, que relata a distribuição da revista por diversos lugares. Comenta-se que o número 25, desse periódico, traz um texto de sua autoria, num recorte retirado do *Correio de Minas*.

Em 15 de maio de 1899, *A Mensageira*, no seu número 28, presta uma homenagem extensa — de quatro páginas, algo raro na revista — à lisboeta falecida. Na sua primeira página, está estampado o necrológio “Guiomar Torresão”, de autoria da mais célebre escritora brasileira do século XIX, Júlia Lopes de Almeida. A fluminense começa o editorial criticando a maneira como Torresão foi sepultada, considerando esse evento modesto, nunca imaginando que ela teria um funeral tão simplório, afinal, “[...] o logar que ella deixou na litteratura portugueza nenhuma outra escriptora preencherá com tanta febre, tanta dedicação, tanta actividade e tão complexos recursos” (ALMEIDA, 1987a, p. 73). Após isso, compara as duas vezes que foi à terra lusitana e a conheceu. Na primeira vez, há 11 anos, achou-a resplandecente. Ainda, reitera que Torresão “perguntou muito pelo Brasil, num desejo sincero de o conhecer bem” (ALMEIDA, 1987a, p. 74). Posteriormente, discorre sobre a segunda vez, há oito anos, na qual a portuguesa já estava desvanecida, muito diferente de como costumava ser. Para finalizar, ressalta seus grandes feitos, as publicações e colaborações.

Uma homenagem feita a Júlia Lopes de Almeida aparecerá no número seguinte, publicado um mês depois, coincidentemente, escrita por Torresão. No início, é comentada a ida da família de Júlia ao Brasil, em que “[...] levavam á America do Sul a sua primeira escriptora!” (TORREZÃO, 1987c, p. 98). A portuguesa aproveita para enaltecer as conexões luso-brasileiras, afirmando que

tão fraternalmente unidos caminham estes dois paizes, Portugal e Brazil, que as suas origens, o seu idioma, as suas glorias confundem-se e desdobram-se atravez do Atlantico, encontram-se e reflectem-se, desabrochando, como esta de que estamos tratando, em flores coloridas pelo ardente sol dos tropicos, que mergulharam a raiz nos crystaes do Tejo! (TORREZÃO, 1987c, p. 98).

Após essas considerações, Torresão menciona que para Júlia o pai proporcionou educação, sem fazer distinção a seu gênero, e que a brasileira viajou três vezes à Europa, conhecendo-a pessoalmente quando esteve em Portugal. Posteriormente, a portuguesa traz à tona as obras de Júlia, publicadas em terras lusitanas, *Traços e iluminuras* e *Contos infantis*. A última foi escrita com a sua irmã, Adelina Amélia Lopes Vieira, e, segundo a lisboeta, foi utilizada na “*Instrução publica* da Capital Federal e outros Estados da Republica Brasileira, contando tres edições rapidamente esgotadas, cada uma de 5:000 exemplares, duas feitas em Lisboa e uma no Rio, facto excepcional [...]” (TORREZÃO, 1987c, p. 100). Além dessas, Torresão menciona outras obras de autoria da fluminense, como *A família Medeiros*, *A viúva Simões*, *Memórias de Marta*, *Livro das noivas*, parabenizando-a, assim como suas colaborações em *O País* e na *Gazeta de Notícias*. Por fim, faz questão de elogiar seu conto “Os porcos”. Ainda nesse número, na coluna “Notas pequenas”, há outra seção intitulada “Guiomar Torreção”, que discorre brevemente acerca do enterro da escritora, no Cemitério dos Prazeres, em Lisboa (NOTAS..., 1987c).

No número seguinte, de 15 de agosto de 1899, é mencionada em “Le féminisme au Brésil”, de autoria do jornalista português — radicado em Paris, de acordo com Luca (1999) — Xavier de Carvalho. Deste texto, escrito em francês, destaca-se a seguinte parte: “Le dernier numéro de la revue du D. Presciana Duarte de Almeida publie un article très remarquable de Mme Julia Lopes de Almeida sur Guiomar Torreção, cette femme écrivain si régentée a été la George Sand du Portugal” (CARVALHO, 1987, p. 129).

Sua presença silencia juntamente à existência da revista, que parou de circular no número 36, publicado em 15 de janeiro de 1900. Aqui, compôs a penúltima coluna da edição final do periódico, “Seleção”, em que são transcritos alguns dizeres de sua autoria, quando *A Mensageira* começou a ser veiculada: “O feminismo é a causa mais intuitivamente logica e mais importante para o aperfeiçoamento e engrandecimento das humanidades, que o seculo XIX leva á solução do seculo XX” (SELECCÃO, 1987, p. 239).

Finalmente, verifica-se a importância de Guiomar Torresão para a literatura e a cultura do Brasil e de Portugal. Teve diversas obras publicadas, contribuiu e dirigiu diversos periódicos, sendo aclamada por colegas de profissão, como Camilo Castelo Branco, e tendo sua crítica inserida no livro de João de Deus Nogueira Ramos, fato que atesta sua técnica consistente de crítica literária. Sua participação em *A Mensageira*, mesmo não sendo uma colaboradora fixa, foi significativa, sendo sempre exaltada pelo seu exímio talento para com a arte das palavras, porém, principalmente, por sua habilidade com a crítica de arte, a qual outros escritores, frequentemente, recorriam para fundamentar seus pontos de vista. Pode-se observar que Torresão personifica os laços culturais luso-brasileiros, após a Independência, sempre se importando com a relação entre esses dois países e estando ciente do que acontecia nos seus meios literários. Este trabalho foi um exemplo da importância em reconsiderar o cânone e a história da literatura fixos, provando que as escritoras esquecidas são dignas de um lugar nesses espaços.

## Referências

A ESTAÇÃO DE PARIS: revista de modas, litteratura, elegancia e bom tom, Lisboa, 10 jan. 1895. Disponível em: <http://purl.pt/22792>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ALMEIDA, Julia Lopes de. Guiomar Torrezão. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira, Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987a. v. 2. p. 73-76.

ALMEIDA, Presciliana Duarte de. Duas palavras. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987b. v. 1. p. 1-2.

BRANCO, Camillo Castello. Carta-prefacio. In: TORREZÃO, Guiomar. *No teatro e na sala*: com uma carta-prefacio de Camillo Castello Branco. Lisboa: Empreza das Horas Românticas, 1881. p. 5-8.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.

CAPELO-PEREIRA, Bernardette. Guiomar Torrezão e o *Almanach de lembranças luso-brazileiro*: a presença de uma voz insubmissa. In: LOUSADA, Isabel; CHAVES, Vania Pinheiro (orgs.). *As mulheres e a imprensa periódica*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014. v. 2. p. 117-137.

CARDONA, Ibrantina. Carta. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 38-41.

CARVALHO, Xavier de. Le féminisme au Brésil. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 2. p. 128-129.

CESAR, Guilhermino. *Qorpo Santo: As relações naturais* e outras comédias. Porto Alegre: Movimento, 1976.

CHAVES, Vania Pinheiro; LOUSADA, Isabel; ABREU, Carlos. *As senhoras do Almanaque*: catálogo da produção de autoria feminina. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2014. *E-book*. ISBN 978-972-565-549-8.

DUARTE, Constância Lima. Estudos sobre mulher e literatura: permanência e desafios. In: FLORES, Conceição (org.). *Mulheres e literatura*: ensaios. Natal: Edunp, 2013. p. 63-74.

\_\_\_\_\_. Imprensa de mulheres no Brasil e suas interlocuções com o periodismo português. In: AREIAS, Laura; PINHEIRO, Luís da Cunha (coords.). *As mulheres e a imprensa periódica*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014. v. 1. p. 33-41.

\_\_\_\_\_. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

EMÍLIA, Maria. Com ares de chronica. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 307-309.

F., L. Viuva Simões. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 85-87.

FLORES, Conceição; DUARTE, Constância Lima; MOREIRA, Zenóbia Collares. *Dicionário de escritoras portuguesas*: das origens à atualidade. Florianópolis: Mulheres, 2009.

GALVÃO, Olympio. Educação literária. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 1. p. 180-183.

LUCA, Leonora de. *A mensageira*: uma revista de mulheres escritoras na modernização brasileira. 1999. 581 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Campinas, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280414>. Acesso em: 30 jun. 2019.

MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita Terezinha (org.). *Mulheres e literatura*: (trans)formando identidades. Porto Alegre: Palloti, 1997. p. 79-89.

NOTAS pequenas. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987a. v. 1. p. 189-190.

\_\_\_\_\_. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987b. v. 2. p. 21-24.

\_\_\_\_\_. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987c. v. 2. p. 115.

PÓVOAS, Mauro Nicola; SILVEIRA, Louise Farias da. Guiomar Torresão e as “Cartas póstumas” do periódico feminino *O Mundo Elegante* (1887). *Navegações*, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 101-105, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/view/11081>. Acesso em: 30 jun. 2019.

RIBALTAS E GAMBIARRAS: revista semanal. Lisboa, 1 jan. 1881. Disponível em: <http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/RibaltaseGambiarras/Ribaltasegambiarras.htm>. Acesso em: 30 jun. 2019.

RODRIGUES, Ernesto. Portugal-Brasil na imprensa portuguesa dos oitocentos. *Convergência Lusíada*, Rio de Janeiro, n. 32, p. 7-19, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://rgplrc.libware.net/ojs/index.php/rcl/article/view/75>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ROMARIZ, Andrea Germano de Oliveira. *O Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*: um ensaio para um projecto maior? 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos) — Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/5145>. Acesso em: 10 jul. 2019.

SELECÇÃO. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira*: revista literária dedicada à mulher brasileira. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987. v. 2. p. 239.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

TORREZÃO, Guiomar. Flores do campo. In: DEUS, João de. *Ramo de flores: acompanhado de varias criticas das flores do campo*. Porto: Typ. da Livraria Nacional, 1869. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/ebooks/24847>. Acesso em: 30 jun. 2019.

\_\_\_\_\_. Anna Hierta Retzius. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987a. v. 2. p. 37-38.

\_\_\_\_\_. Beatriz. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987b. v. 2. p. 13.

\_\_\_\_\_. Julia Lopes de Almeida. In: ALMEIDA, Presciliana Duarte de (Dir.). *A Mensageira: revista literária dedicada à mulher brasileira*. Edição fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Secretaria de Estado da Cultura, 1987c. v. 2. p. 98-101.

VASCONCELLOS, Eliane. Presciliana Duarte de Almeida. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. v. 2. p. 407-428.

## Minicurrículos

Guilherme Barp é acadêmico do curso de Licenciatura em Letras/Inglês da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Atua como bolsista de iniciação científica PROBIC-FAPERGS no projeto “Leitura sob signo do gênero: recepção do texto literário e regionalidade” (LEITORA1).

Cecil Jeanine Albert Zinani é doutora em Letras/Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui estágio pós-doutoral em Letras/História da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora no Programa de Pós-Graduação em Letras e no Curso de Letras da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Coordenadora dos projetos de pesquisa “Leitura sob signo do gênero: recepção do texto literário e regionalidade” (LEITORA1) e “Reiluminação de escritos de autoria feminina na revista *A Mensageira*” (MENSAGEIRA).